

EDITOR: CÍCERO LAUREANO

A Vida de João Malazarte



Autor: Luiz de Lira

A Vida de João Malazarte

Quem nunca leu a história
do tal João Malazarte
se aproxime e ouça
o valor da sua arte
o ente mais prezepeiro
conhecido em tôda parte.

Morreu Pedro Malazarte
porém deixou o seu neto
de prezepada e mentira
o João ficou completo
nos lugares que andou
não ficou ninguém quieto.

João nasceu em Lisbôa
porém deixou Portugal
emigrou para o Brasil
quando chegou em Natal
seu pai comprou uma loja
na rua comercial.

Naquêle tempo Natal
era bastanta atrazada
uma cidade pequena,
de matos arrodiaada
porém já havia um pôrto
e uma gente abastada.

Deixo Natal e agora
prossigo noutro tratado
sobre João Malazarte
da forma que foi eriado
era perverso demais
mentiroso e maleriado.

Devido as trelas João
apanhava todo dia
porém não se emendava
ne lugar aonde ia
fazia grande alvoroço
e para essa corria.

João Malazarte um dia
encontrou-se com um padre
disse: abença meu padrinho
mamãe e sua comadre
mandou eu passar o dia
com você na santa madre.

O padre levou João
porque tinha um afilhado
porém não o conhecia
chegou bastante cansado
deitou-se na sacristia
ferrou num sono pesado.

Enquanto o padre dormia
João se achando só
melou a cara do padre
de rouge, baton e pó
depois destracou o cefre
tirou dinheiro sem dó.

Um gato do capelão
João ponde agarrar êle
fez um facho de mulambo
amarrou na cauda dêle
ensopou de querosene
depois tocou fogo nêle.

O padre estava dormindo
não viu João fazer nada
o gato enguiçou êle
com a cauda incendiada
trepou-se no altar mor
fez uma grande zuada.

Incendiou-se o altar
cobriu-se todo em fumaça
João disse: «seu» padre acorde
e pula pela vidraça
senão o gato lhe morde
e o senhor se desgraça!

O padre se acordou
naquêle grande alvoroço
correu atraz de João
para cortar-lhe o pescoço
João na frente gritava
—o bom eu levo no bolso.

Adiante João entrou
na casa de uma velhinha
o padre parou na porta
João saiu na cozinha
entrou numa capoeira
que por traz da casa tinha.

Reuniu-se o pessoal
pra saber do ocorrido
o padre todo melado
cansado e aborrecido
um rapaz disse: «seu» padre
o seu rosto está tingido.

Uma moça anarquista
dessas que tem no Brasil
perguntou ao capelão
—vai dançar hoje «sen» Gil?
o senhor ainda é padre
ou velho de pastoril?.

© povo todo sorrindo
o vigário encabulado
reparou-se num espelho
chorou de envergonhado
no mesmo dia deu parte
pra João ser processado

Seguiu um soldado velho
a procura de João
com ordem do delegado
para levá-lo à prisão
mas caiu numa cilada
que morreu do coração.

O praça encontrou João
pôz-se a conversar com arte
êle contente e sorrindo
fazendo grande discarte
o soldado perguntou-lhe
—conheces João Malazarte

João lhe disse: conheço
hoje mesmo encontrei êle
se fôr um que o vigário
deu uma carreira nêle
«me dê um tostão que eu
vou mostrar a casa dêle

O soldado que queria
prender e dar em João
deu-lhe o tostão enganado
com bôa satisfação
João recebeu e disse
—eu ajeito êsse ladrão!

Naquela rua morava
um oficial malvado
um coronel do exército
muito bruto e respeitado
João disse: para lá
vou mandar êste quadrado.

Depois do plano formado
na calçada pôz-se em pé
disse: João Malazarte
mora naquêle cháfé
—naquêlê? pergunta o praça
Malazarte disse: é.

João lhe disse: é all
que mora o cabra covarde
agora eu volto daqui
porque já é muito tarde
se eu demorar na rua
na pela o meu «lombo» arde

João voltou na carreira
e o pobre do soldado
seguiu direto ao chalé
bastantemente velzado
chegou na porta bateu
com um talento danado.

O oficial estava
tomando um forte café
nisso o soldado chegou
na porta meteu o pé
perguntou: quedê o côrno
que mora nêste chalé.

O coronel levantou-se
da mesa muito abusado
disse quando viu o praça
—eu não gosto de soldado!
nem devo nada à policia
por ali, cabra safado!

O soldado disse: eu sei
que o coronel não gosta
o coronel disse: cale-se
eu não quero ouvir proposta
meten-lhe a mão pela cara
que êle caiu de costa.

Quando o praça levantou-se
recebeu um ponta-pé
d'outro murro foi cair
na calçada do chalé
com a cara ensanguentada
correu deixou o boné.

Chegou na delegacia
disse para o delegado
—apanhei que quase morro
não quero mais ser soldado
o senhor mesmo que vá
prender aquêle danado.

João vendo o delegado
o perseguindo demais
embarcou pra Pernambuco
e quando saltou no cais
seguiu por ali cherando
com saudade de seus pais.

Um polícoia viu João
num choro tão desmedido
dirigiu-se e perguntou
se êle andava fugido
João disse: não senhor
choro com dor de cuvido.

—E você aonde mora?
João respondeu com tédio
—se quer saber quem eu sou
vá ali naquêle prédio!
que eu vou para a farmácia
comprar pra mim um remédio.

Nisso João Malazarte
numa marcha continua
dizendo: não me interrompa
com essa besteira sta
o meu pai disse que eu
não demorasse na rua.

O guarda disse: seu corno
está com malcriação
João lhe disse: respeite
o filho de um barão
se eu contar ao meu pai
você vai para a prisão.

O guarda ficou com medo
deixou João ir embora
no fim da rua João
encontrou uma senhora
disse: abença minha tia
como vai? aonde mora?.

A mulher disse: estou boa
moro na minha choupana
João disse: eu vou agora
conhecer sua cabana
e também com a senhora
quero passar a semana.

A mulher tinha um sobrinho
parecido com João
morava no Cariri
na fazenda Santo Antônio
levou ele para casa
chamando Sebastião.

A mulher era viúva
tinha uma filha mocinha
João perguntou: titia
como se chama priminha?
a velha disse: menino
esta não é Terezinha?!..

Depois da ceia a viúva
perguntou: Sebastião
o teu pai a'nda é dono
da Fazenda Santo Antônio?
João disse: êle vendeu
aquela situação.

Êle fez uma igreja
no pé de um grande monte
um jardim e um banheiro
na margem de uma fonte
no jardim tem uma estátua
apontando o horizonte

Quando vem rompendo aurora
que a passarada canta
surge uma grande alegria
todo povo se levanta
pra adorar Santo Antônio
vai à igreja santa.

Quando João se casou
perguntou-lhe Terezinha
—Sebastião tú me levas
pra eu ver a igreja
e também passar uns dias
com minha prima Julinha.

João lhe disse: pois não
estou pronto pra levar
se titia consentir
você pode se arrumar
a velho disse: eu consinto
sem dêle desconfiar.

João conseligo dizia
—a garôta é bonitinha
a velha é besta demais
pensa que é tia minha
presta confiança a mim
eu ajeito esta bichinha.

A mulher disse a João
quando êle foi embora
—você leva Terezinha
porém volte sem demora
só passe por lá um mês
João disse: sim senhora.

João largou-se no mundo
com destino ao sertão
foi parar em Vila Bela
lêo sem um só tostão
lá empregou Terezinha
para apanhar algodão.

Passou o resto do ano
Terezinha não voltou
a mãe dela impaciente
para a fazenda rumou
deu a jornada perdida
porque não a encontrou.

A irmã disse: meu filho
da fazenda não saiu!
foi outro Sebastião
que a você iludiu
porém o meu filho não
quem disse isto mentiu.

A pobre voltou chorando
dizendo: aquêle sujeito
carregou minha Tereza
e faltou-a com respeito
chegando em casa deu parte
a um juiz de direito.

Ela contou ao juiz
tudo quanto foi passado
como João Malazarte
a ela tinha enganado
devido aquela lezeira
o juiz falou zangado

—A senhora é a culpada
pois deu a moça ao rapaz
quem é besta dêste jeito
sofre desta e outras mais
depois da desgraça feita
você mesma vá atrás

—O caso está resolvido
disse o juiz de direito
—vá arranjar outra filha
aquela não tem mais jeito
ou então vá atrás dela
pra tomá-la do sujeito.

A viúva foi pra casa
muito triste envergonhada
além de perder a filha
sofreu mais essa massada
com o desgosto morreu
numa corda pendurada.

Agora o leitor se lembre de Tereza no sertão já tinha perdido a honra estava na perdição levou o caso à polícia mandaram prender João.

João com medo corren deixou Terezinha só seguiu por ali cortando as zonas do Piancó atravessou Paraíba foi sair em Seridó.

Chegou no Seridó liso não tendo de que viver arranjou umas pimentas e foi pra feira vender porém no caminho fez um português se morder.

Encontrou um português com um jumento acuado carregado com panelas sobre o caminho parado o português dando nêlé porém o burro emperrado.

João disse: camarada eu tenho um remédio aqui deu-lhe as pimentas dizendo —como êste e nunca vi esfregue no fundo dêle depois puxe-o por ali.

Êle passou as pimentas no lugar que João mandou o jumento deu um coice que a cangalha virou as panelas se quebraram e o burro desertou.

João disse ao português —o jumento já correu com o remédio no fundo êle desapareceu e você só pega êle se também passar no seu.

O pobre do português para pegar o jumento passou a pimenta ardosa no lugar de sair vento João disse: oh! cabra besta desgraçaste o fedorento.

Quando o português sentiu o ardor no fiolô puxou a faca da cinta João disse: fique só duma carreira que deu foi parar em Mossoró.

Chegou em uma fazenda perguntou ao fazendeiro se lhe arranjava um emprêgo nem que fôsse de vaqueiro pela comida e a roupa e também algum dinheiro.

Perguntou-lhe o fazendeiro
—o senhor de onde vem?
João Malazarte disse
—o senhor perguntou bem
venho do ôco do mundo
sou filho de muito além.

Hoje eu estou por aqui
mas nasci em Portugal
na capital de Lisboa
porém o meu pessoal
emigrou para o Brasil
eu me criei em Natal.

Aprendi ler e contar
tenho arte com fatura
mas estou desempregado
sofrendo grande amargura
disse o fazendeiro: agora
gozará grande aventura.

Você aqui tem direito
um conforto necessário
como administrador
é também um mandatário
tem almoço, janta e ceia
dormida e um bom salário

João ficou manobrando
aquela propriedade
passou 2 anos quieto
sem usar perversidade
já gozava do patrão
a maior int'midade.

Porém satanaz um dia
manifestou-se em João
êle armou uma cilada
para a filha do patrão
ela por ser inocente
caiu no laço do «cão».

João disse: Madalena
seu pai por ser meu amigo
mandou dizer que você
dormisse um sono comigo
ela foi porque pensou
que não corria perigo.

A patrão de João
estava lá na cozinha
e não viu quando os dois
entraram na camarinha
êle dormiu a vontade
com todo prazer que tinha.

Ainda estavam deitados
o fazendeiro chegou
a moça gritou do quarto
com João aqui estou
cumprindo com meu dever
como papai ordenou.

O velho conheceu logo
que era uma traição
deu um pontapé na porta
que ela rolou no chão
João correu de aueca
e a moça de camisão.

O velho correu atrás
adiante os agarrou
disse: vão morrer sabendo
pelo punhal arrastou
João gritou: ora cêbo
foi ela que me chamou!

Com esta voz o patrão
mandou-lhe um sóco direto
João rodou e caiu
dizendo: «seu» Anacleto
não me mate por favor
deixe eu ir criar seu neto.

A mulher disse: meu velho
você não mate João
senão a menina fica
perdida sem cotação
João disse: eu só me caso
porque comi o pirão.

O velho se convenceu
depois do serviço feito
fez depressa o casamento
e o juiz de direito
disse: João vá viver
com ela bem satisfeito.

FIM

Atenção!

Aviso aos senhores revendedores de livros populares da Bahia, que mantenho aí um forte agente, a fim de bem servi-los.

Por isto peço àqueles que moram ou passam na Bahia, que visitem Rodolfo Coêlho Cavalcanti Rua Alvarenga Peixoto 158-Liberdade-Salvador-Bahia.

Já em Pernambuco aquêles que não podem vir à Capital, não deixem de visitar Carnarú e procurar fazer suas compras com Joaquim Martins de Athayde.

Rua São Miguel 172-que serão zelosamente servidos.

RECOMENDAÇÕES DO SEU AMIGO

João José da Silva

RUA DE SANTA RITA 217

Recife Pernambuco.